

Jacques Lacan

Seminário 25 - o momento de concluir

3 - aula de 20 de dezembro de 1977 - falar e dizer

Texto estabelecido e traduzido por Jairo Gerbase em 07/03/00

Trabalho no impossível de dizer. Dizer é diferente de falar. O analisando fala. Ele faz poesia, quando lhe ocorre, o que é pouco freqüente. Mas, é arte [*il est art*], corto, porque quero dizer é tarde [*il est tard*]. O analista corta. O que ele diz é corte, isto é, participa da escrita, na medida em que equivoca sobre a ortografia. Ele escreve de um modo diferente, de maneira que, pela graça da ortografia, soa outra coisa que o que é dito com a intenção de dizer, isto é, conscientemente, na medida em que a consciência não é evidente. É por isso que digo que nem no que diz o analisando, nem no que diz o analista, há outra coisa senão escrita.

A consciência não é evidente; não se sabe o que se diz quando se fala, e é bem por isso que o analisando diz mais do que quer dizer. O analista corta ao ler esse mais do que quer dizer, na medida em que saiba o que ele mesmo quer. Há muito jogo, no sentido de liberdade, em tudo isso. Isso joga, no sentido ordinário da palavra.

Tudo isso não me diz como deslizei no nó borromeano até me encontrar com a garganta apertada. É preciso dizer que o nó borromeano é a matéria do pensamento; a matéria, também no sentido ordinário do termo, é o que se quebra, é o que se mantém junto e é flexível como o que se chama um nó.

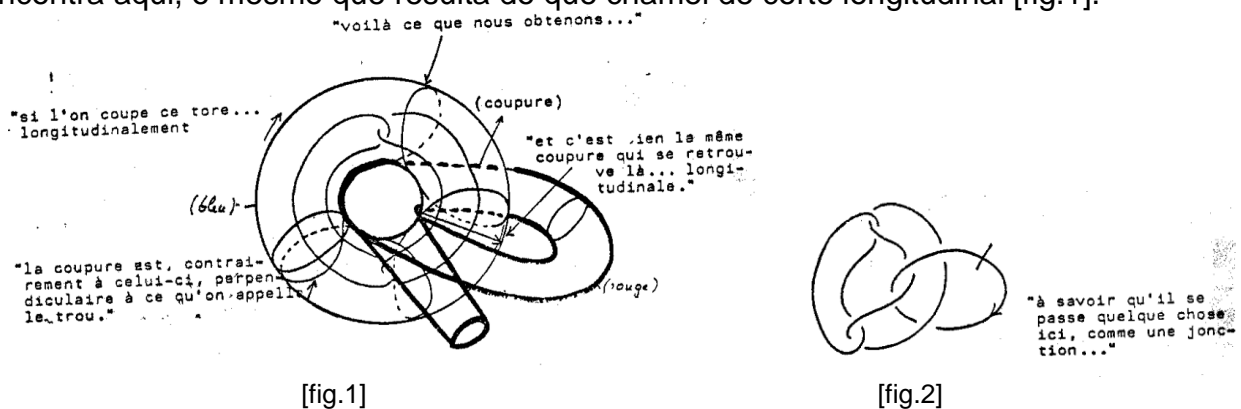
Como deslizei no nó borromeano ao imaginá-lo composto de toros e daí à idéia de revirar cada um desses toros, isso me conduziu a coisas que fazem metáfora naturalmente, isto é, que colam com a lingüística, se é que ela existe. Mas, a metáfora tem de ser pensada metaforicamente, o estofo da metáfora é a matéria do pensamento, ou, como diz Descartes, é extensão, dito de outra maneira, é corpo. A hiância é preenchida como sempre foi. O corpo aqui representado é fantasia do corpo. A fantasia do corpo é a extensão imaginada por Descartes. Há distância entre a extensão imaginada por Descartes e a fantasia. Aqui intervém a análise que colore de sexualidade a fantasia.

Não há relação sexual, certamente, salvo entre fantasias e a fantasia deve ser notada com o acento que lhe dava quando falava que a geometria [*âge et haut-maître hie*] é tecida de fantasias, assim como toda ciência.

Lia recentemente um troço, em quatro volumes, que se chama "*The world of mathematics*". Como se pode notar é escrito em inglês. Não há o menor mundo das matemáticas. Basta ler os artigos em questão para notar que isso não é suficiente para

fazer o que se chama um mundo, isto é, um mundo que se sustente. O mistério desse mundo permanece absolutamente fechado. Do mesmo modo que quer dizer o saber? O saber é o que nos guia, é o que permite que se possa traduzi-lo pela palavra instinto, a qual faz parte do que se articula como o “apensamento”, escrevo assim porque faz equívoco com “apoio”. Quando disse, outro dia, que a ciência não é nada mais que uma fantasia, que um núcleo fantástico, esperava ser seguido, ao contrário do que alguém, em um artigo esperou. Parece-me evidente que a ciência é uma futilidade, que não tem peso na vida de ninguém, ainda que tenha efeitos, como a televisão, por exemplo, mas esses efeitos não se sustentam de nada que não seja a fantasia, ainda que seja apenas eu que creia nisso [hycroif]. A ciência está ligada ao que se chama especialmente pulsão de morte. É um fato que a vida continua graças ao fato da reprodução ligada à fantasia.

Outro dia fiz um toro observando que se tratava de um nó borromeano [fig.1]. Quer dizer que há nele três elementos: o toro revirado e depois as duas rodinhas de cordão que são igualmente toros. Observei que se cortamos este toro longitudinalmente em relação ao furo [fig.1], não é surpreendente que se obtenha o efeito do corte que é o nó borromeano [fig.2]. O contrário seria surpreendente. É a mesma coisa cortar assim, isso se completa, porque deixei esse nó borromeano inacabado, só que desta vez o corte é contrariamente perpendicular ao que se chama o furo [fig.1]. Mas, é claro que se as coisas se completam é porque algo se recolhe, ou seja, algo como uma junção se passa aqui [fig.2], o corte circular deixa o nó borromeano intacto, e é esse mesmo corte que se encontra aqui, o mesmo que resulta do que chamei de corte longitudinal [fig.1].



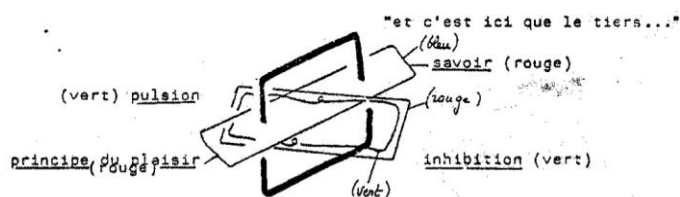
O corte não é nada mais do que o que elimina o nó borromeano por inteiro. É por isso que alguma coisa é reparável, na condição de se perceber que o toro interessado se recolhe, se o tratarmos convenientemente revirado. O que se pode chamar de sugestão/toro, de toro transformado, isto é, do toro que constitui o reviramento, a sugestão do toro remete ao que vou chamar de solidariedade do nó, ou seja, quando se corta perpendicularmente ao furo, o que se nota é que o toro mantém o nó borromeano.

Basta que um corte participe do corte chamado perpendicular ao furo, para que isso mantenha o nó.

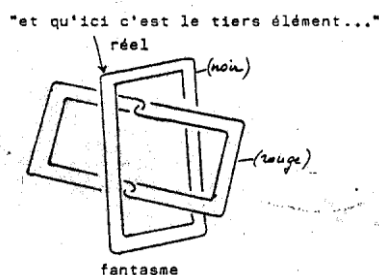
Suponham que [fig.3] o corte feito aqui participe do corte feito aqui, isto é, que alguma coisa se instaure desse modo, dito de outra maneira, que o corte gire em torno do toro, obteremos que o reviramento do toro pára os efeitos de seu corte. A fantasia do corte é suficiente para manter o nó borromeano. Para que haja fantasia é preciso que haja toro. A identificação da fantasia ao toro é o que justifica minha imaginação do reviramento do toro.



[fig.3]



[fig.4]



[fig.5]

Agora [fig.4] vou desenhar o que chamei outro dia de toro de seis e imaginar o que se deduz da representação que acabo de fazer. Há um binário: 'pulsão-inibição'. Tomemos este binário do mesmo modo que os outros; chamemos o seguinte de 'princípio do prazer-inconsciente'; notar-se-á, desse fato, que o inconsciente é o saber que nos guia, que há pouco chamei de princípio do prazer. O interesse é se perceber que o terceiro, o que se organiza desse modo [fig.5], representa o que chamei de 'princípio do prazer-saber', 'pulsão-inibição'. É aqui que o terceiro se apresenta como o acoplamento do real e da fantasia.

Trata-se de tornar evidente o fato de que não há realidade. A realidade é constituída pela fantasia e a fantasia é também o que dá matéria à poesia, ou seja, todo o nosso desenvolvimento das ciências é alguma coisa que, não se sabe bem por que via, emerge daquilo que se chama relação sexual.

Por que é que há alguma coisa que funciona como ciência? Isso é poesia. A aspersão desse "World of mathematics" me convenceu disso. Há alguma coisa que chega a passar pelo intermédio do que se reduz na espécie humana à relação sexual. O que é

que se reduz à relação sexual na espécie humana? É algo que se torna muito difícil de compreender, em relação ao que sucede aos animais. Será que os animais sabem contar? Não temos provas disso, o que se chama de provas sensíveis.

No que diz respeito à ciência tudo parte da numeração. Seja o que for, mesmo da prática da análise, trata-se de poesia. Por que Freud teve êxito em sua poesia, isto é, ao instaurar uma arte analítica, é o que permanece duvidoso. Por que nos lembramos de alguns homens que tiveram êxito? Não quer dizer que o de que eles tiveram êxito seja válido. O que faço, como observou alguém de bom senso, que é Althusser, é filosofia, mas a filosofia é só o que sabemos fazer. Meus nós borromeanos é também filosofia, filosofia que manejo como posso, seguindo a corrente que resulta da filosofia de Freud. O fato de ter enunciado a palavra inconsciente, não é nada mais que a poesia com a qual se faz história. Mas, a história, como disse uma vez, é a histeria. Se Freud sentiu bem o que é a histérica, se fabulou em torno da histérica, isso não é evidentemente senão um fato histórico. Marx igualmente era um poeta, que teve a vantagem de ter feito um movimento político. Aliás, se ele qualifica seu materialismo de histórico, isso não é certamente sem propósito. O materialismo histórico é o que se encarna na história.

Tudo o que acabo de enunciar concernente ao estofo que constitui o 'apensamento', não é outra coisa senão dizer exatamente as coisas do mesmo modo. O que se pode dizer de Freud é que ele situou as coisas de um modo tal que teve êxito. Mas, não é verdade que tudo o de que se trata seja uma composição tal que me tenha levado, para tornar tudo isso coerente, a fazer notar uma certa relação entre a pulsão e a inibição, o princípio do prazer e o saber, o saber inconsciente, é claro, prestem atenção porque aqui está o terceiro elemento, quer dizer, é aqui que está a fantasia e que se encontra o que designei de real. Não encontrei verdadeiramente um modo melhor de imajar metaforicamente o que se trata na doutrina de Freud. O que me parece materialmente abusivo, é ele ter imputado de tal modo tudo da matéria ao sexo. Sei que há hormônios, que os hormônios fazem parte da ciência, mas é muito claro que este é o ponto mais espesso e que não há aí nenhuma transparência.